

**LARGE LABIA PROJECT –
POR UMA ABORDAGEM NÃO-SEXUAL DA VAGINA:
um estudo sobre enunciados e estratégias de resistência na Internet**

***LARGE LABIA PROJECT –
A NON-SEXUAL APPROACH TO THE VAGINA:
a study concerning statements and strategies of resistance on the Internet***

Marcelle Jacinto da Silva*
Antonio Cristian Saraiva Paiva**

Resumo

Interessados em discutir e compreender práticas de resistência engendradas por ativismos na Internet que destacam a difícil relação entre corpo feminino ideal e corpo real, propomos refletir sobre um projeto chamado *Large Labia Project*, criado por Emma P. e que existiu entre 2013 e 2017, cujo objetivo era divulgar “vaginas reais”, como referência para “mulheres reais”. De acordo com sua idealizadora/autora, as mulheres não têm muitas oportunidades de conhecer a aparência da região íntima de outras mulheres “reais” nem de falar abertamente sobre o assunto, então, o projeto ajudaria a dissipar os modelos e mitos que cercam o assunto. A iniciativa visava protestar contra padrões veiculados pela indústria pornográfica *mainstream*, lançando, assim, olhar sobre o poder da (auto) representação de corpos e o investimento na abertura de espaços de discussão e contribuição por meio de depoimentos e imagens pessoais/íntimas de mulheres que se sentem oprimidas por modelos hegemônicos de beleza. Propomos, portanto, pensar o poder que é potencialmente acionado por movimentos online como esse e algumas estratégias de resistência e desconstrução de padrões estéticos sobre o corpo feminino.

Palavras-chave: Corpo feminino. Vagina. Regulação de corpos. Ativismos na Internet.

* Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará/Brasil. Coordenadora discente do Núcleo de Pesquisas sobre Gênero, Sexualidade e Subjetividade – NUSS/UFC/Brasil. E-mail: marcelle.silva.cs@gmail.com

** Professor do Departamento de Ciências Sociais e no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará/Brasil. Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará/Brasil. Coordenador do Núcleo de Pesquisas sobre Gênero, Sexualidade e Subjetividade – NUSS/UFC/Brasil. E-mail: cristianspaiva@gmail.com

Abstract

Interested in discussing and understanding practices of resistance engendered by activism on the Internet that highlight the difficult relationship between ideal female body and real body, we propose to reflect on a project called *Large Labia Project*, created by Emma P. and that existed between 2013 and 2017, whose objective was to promote “real vaginas” as a reference to “real women”. According to its creator/author, women do not have many opportunities to meet the appearance of the intimate region of other “real” women, nor to speak openly about it, then the project would help to dispel the models and myths surrounding it. The initiative was aimed at protesting against standards of beauty and female bodies conveyed by the mainstream pornography industry, casting a regard at the power of (self) representation of bodies and investment in open spaces for discussion and contribution through testimonials and personal, intimate images of women who feel oppressed by hegemonic models of beauty. We therefore propose to think the power that is potentially operated by such online movements and how they can organize some resistance strategies and the deconstruction of aesthetic patterns on the female body.

Keywords: Female body. Vagina. Regulatory bodies. Web-activisms.

Introdução

Em 2013, a Revista Glamour publicou uma reportagem sobre *autoestima vaginal*¹, a qual fazia a seguinte indagação: *como anda a sua?* (LARANJEIRA; STOPA, 2013, documento on-line sem paginação). O mote da reportagem foi como a *ditadura da beleza* havia chegado também à *vagina*² e as consequências no que se refere a importantes questões socioculturais envolvendo o corpo feminino e a forma como este é representado pelas mídias sociais³. O texto da reportagem também apontou como uma das consequências, a existência de *projetos*⁴ online elaborados com o propósito de militar a favor de rupturas de determinados estereótipos de

1 Os termos êmicos aparecem neste texto em itálico.

2 Termo genérico para designar a genitália feminina. O uso justifica-se pela referência constante no material colhido em campo, embora apareçam outros termos como “vulva”, “pepeca” e “buceta”. Schmitt (2014, p. 12-13) considera esse um obstáculo incômodo, tendo em vista que “mesmo na literatura especializada, autores optam por se referirem à genitália feminina apenas como “vagina”, esquecendo-se que a vagina em si engloba apenas o orifício que inicia no hímen e vai até o colo do útero, de acordo com a literatura médica. Dessa maneira, ao se referirem à genitália feminina apenas fazendo alusão ao canal vaginal, reproduz-se a ideia da anatomia da sexualidade feminina apenas como receptáculo”. Ecoa aqui a persistência do modelo galênico de sexo único, segundo o qual o corpo masculino é tomado como matriz de inteligibilidade para pensar a diferença sexual, tal como analisado por Laqueur (2001), produzindo-se invisibilidade e desconhecimento sobre o corpo feminino.

3 Entendendo mídias como meios de comunicação que fazem circular informação, fomentando as dinâmicas culturais.

4 O campo semântico do termo *projeto* envolve, conforme analisado por Boutinet (2002), os sentidos de intenção, desígnio, objetivo, finalidade, alvo, planejamento e programa. Assim, da ideia de *projeto* depreendemos um sentido militante no termo, um ativismo que propõe induzir e compartilhar novas percepções, representações e experiências sobre a relação das mulheres com seus corpos *reais*.

gênero, e apresentou dois endereços eletrônicos, do *Large Labia Project*⁵ e do *Pussy Pride Project*.⁶

Cada *projeto*, à sua maneira, destaca argumentos específicos a favor de ações para a elaboração de representações não hegemônicas do corpo feminino, criando alternativas a representações hegemônicas de *beleza* sobre pelos, formatos, tamanhos, cores e marcas corporais. Os projetos lançam mão de fotografias e ilustrações em conjunto com narrativas fortemente marcadas pela temática de gênero, tendo como espaço de mobilização as mídias digitais, mais especificamente a Internet fixa e móvel.

LLP, um dos *projetos* que mais chamou atenção nesse sentido, visibiliza o corpo feminino desnudo e insubmisso a normas que ditam como o corpo feminino deve ser e o que pode mostrar. Emma P., idealizadora/autora da página on-line norte-americana, aposta na estratégia da exibição de fotografias de vulvas, as *vulva selfies*, que são fotografias que as próprias contribuintes anônimas⁷ enviam de suas vulvas para Emma divulgar no blog, como estratégia de *empoderamento* e criação coletiva de *autoconfiança* feminina.

O *projeto* de Emma tem como um dos objetivos servir como uma forma de divulgar *vaginas reais* como referência para *mulheres reais*. A reportagem supracitada informa que Emma argumenta que as mulheres não têm muitas oportunidades de conhecer a aparência da região íntima de outras mulheres *reais* nem de falar abertamente sobre o assunto, então o *projeto* ajudaria a dissipar os mitos que cercam esse assunto (LARANJEIRA; STOPA, 2013, documento on-line sem paginação), tendo sido elaborado com o intuito de protestar contra a indústria pornô *mainstream* que no contexto do LLP é vista como um insulto, uma forma de subalternização das mulheres e veiculadora de estereótipos que constroem-nas, fazendo com que as mulheres *reais* sintam-se inseguras sobre a aparência de suas vulvas e sua vida sexual.

Os apontamentos que compõem este artigo são fruto de discussões e observações preliminares do objeto da pesquisa doutoral, enunciados performativos sobre a *vagina*, os quais Preciado (2014) chama de “tecnologia social heteronormativa” (formados por discursos médicos, midiáticos e militantes). A pesquisa, que se situa no contexto da crítica desse tipo de enquadramento do corpo feminino, teve início em fevereiro de 2015 e vem sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, no âmbito do Núcleo de Pesquisas sobre Sexualidade, Gênero e Subjetividade (NUSS). Os

5 Link: <www.largelabiaproject.org>. O nome do *projeto* aparecerá, daqui em diante, identificado pela sigla LLP.

6 Link: <<https://mollysdailykiss.com/pussy-pride-project/>>.

7 As pessoas que dividem suas experiências, no contexto que investigamos, não se identificam, movidas por motivações que não podem ser facilmente discriminadas. Elas optaram por se resguardarem, possivelmente pelo tabu que circunda o assunto. O que está ali posto é que as mulheres e suas vaginas são oprimidas e isso diz muito sobre como as mulheres ainda são silenciadas e educadas a não conhecerem seus corpos, seja em público ou na esfera do privado. Mesmo que não tenhamos acesso às autoras dessas vozes, temos acesso ao que elas dizem, o que aprenderam e pensam sobre suas genitálias.

trechos de depoimentos que constituem nosso corpus empírico foram coletados aleatoriamente do blog no mês de maio de 2015, com a permissão de Emma P., consentida através de conversas que tivemos ao longo do ano de 2015 via e-mail.

O uso de material empírico extraído da blogosfera na nossa pesquisa revela sua fecundidade para acessar discursos, signos e práticas culturais⁸. Cremos que a blogosfera se constitui como um fórum fecundo para acesso e compartilhamento de representações e experiências, principalmente entre grupos que são classificados como “minoritários”, “subalternos”, “desviantes”, que não dispõem dos grandes canais de autoexpressão (por exemplo, a mídia impressa etc.)⁹. É pensando no potencial analítico desse material que propomos refletir em primeiro lugar sobre alguns significados ocidentais acerca da *vagina*, para, em seguida, analisarmos algumas das falas que constituem o corpus do blog e, por fim, refletirmos sobre o que depreendemos preliminarmente do conteúdo dessas falas.

A vagina em foco

A genitália feminina tornou-se notável objeto de pesquisa científica (NUNES, 2000; ZWANG, 2000; LIVOTI, TOPP, 2006; WOLF, 2013; SCHIMITT, 2014; SILVA, PAIVA, COSTA, 2017) a partir do século XIX, especialmente quando relacionado ao crescente interesse pela medicalização do corpo feminino (PETER, 1981; SHORTER, 1984; BADINTER, 1985; NUNES, 2000; LAQUEUR, 2001; ROHDEN, 2002; VIEIRA, 2002; MARTINS, 2005; MARTIN, 2006; LIOTARD-SCHNEIDER, 2010; CASTRO, 2011), e, ao mesmo tempo, tem sido lugar de múltiplas experimentações e intervenções, sejam elas cirúrgicas ou não. Partindo desse corpus teórico, apreendemos que os genitais são, assim como a sexualidade, gênero, e nossas percepções sobre ambos, construções sócio-históricas.

As mulheres, historicamente, não foram incentivadas a conhecerem e tocarem seus corpos, nem a conhecerem sobre sexo e/ou suas sexualidades, muito menos sobre prazer e masturbação (NUNES, 2000; LOURO, 2013; CONNELL, PEARSE, 2015). Crescem acreditando que tudo o que tem relação com a *vagina* – e a própria

8 Máximo (2007, p. 28) ressalta que o formato do blog adquire nitidez a partir da década de 1990, quando da visibilidade e destaque do fenômeno da “expressão da experiência pessoal e cotidiana na Internet”, tendência que ganhou popularidade a partir dessa década, quando alguns “sites pessoais” passaram a mobilizar relatos sobre o cotidiano das pessoas, notadamente aqueles que se remetem à “vida privada” ou “intimidade”. É na esteira desse fenômeno que surgem demais plataformas que exploram essa possibilidade de publicização da intimidade das pessoas, os quais encontram cada vez mais adeptos, nos mais variados assuntos e estilos.

9 Poderíamos, inclusive, hipotetizar que as vivências de escrita e compartilhamento de signos e experiências da blogosfera prolongam o projeto de formação e de autoconstituição narrativa do sujeito moderno por meio da literatura, inaugurado no advento da modernidade. Essa nova modalidade de “escrita de si”, uma escrita “confessional”, também estaria, ao nosso ver, no coração de um projeto de fabricação de um “eu feminino coletivo”.

vagina – são coisas *sujas*. Os fluidos corporais são *nojentos*; menstruar é *ruim*, seu cheiro é *ruim*. A *vagina* não se toca, não se vê. As meninas aprendem desde cedo que precisam sentar de pernas bem fechadas, nada pode aparecer, suas *vergonhas* não podem estar à mostra¹⁰; são bombardeadas com discursos cuja pretensão de universalidade objetiva a unificação de experiências de *ser mulher* (MORAN, 2012), provenientes de determinadas “tecnologias de gênero” (LAURETIS, 1994; PRECIADO, 2014), que produzem e são produzidas a partir de histórias excludentes e essencialistas sobre o corpo das mulheres, que fabricam formas de opressão específicas como, por exemplo, que toda mulher deve ser mãe, dona de casa, cuidar dos filhos e do marido, ser dócil e submissa às figuras masculinas mais próximas.

Destacando aspectos relacionados à vagina na história e na sociedade, Naomi Wolf (2013, p. 16-17) atenta para o fato de “a vagina ter sido alvo de abuso, violência e controle durante a maior parte da história ocidental”. De acordo com a autora, o “controle social da vagina e da sexualidade das mulheres tem sido um veículo para controlar a mente e a vida interior das mulheres ao longo da história ocidental”, controle manifestado através de muitas forças que geraram/geram pressões repressivas, dentre elas, “comentaristas de jornais, manuais médicos e a ascensão da ginecologia como uma especialidade médica” (WOLF, 2013, p. 162), aparatos que são generificados e generificadores. Ainda de acordo com Wolf (2013, p. 161), “a concepção ocidental ‘moderna’ da vagina, tal como a conhecemos hoje”, carregada de vergonha e hiperssexualização, foi desenvolvida no século XIX, apontado como sendo o século do controle “medicalizado da sexualidade em geral. A vagina era medicalizada e controlada de maneiras altamente específicas nessa era como jamais havia sido, mas isso persiste desde então – e nos foi transmitido, frequentemente de forma intacta”.

Zordan (2003), por sua vez, ressalta a complexidade da “construção cultural dos genitais”, atentando para a existência de múltiplos campos de saberes e de especialistas de diversas áreas de conhecimento que “estão prescrevendo e ditando verdades sobre o corpo”. Nesse ínterim, os meios de comunicação são responsáveis por uma distribuição incessante de ensinamentos sobre o corpo que ditam o que deve ou não ser feito em prol da saúde e estilos de vida mais saudáveis, funcionando, assim, como propagadores de discursos sobre a sexualidade que geralmente se apoiam no “aval de especialistas”.

O ciberespaço teria, nesse sentido, sua importância na difusão desses ensinamentos. Tomando como foco de análise material de cunho “cientifizante sobre saúde, corpo e sexualidade”, veiculado em revistas voltadas ao público feminino juvenil, Zordan (2003, p. 273), assinala que existe certo imperativo de “conheça seu corpo” e suas partes “mais íntimas e secretas”, intrinsecamente relacionados ao

10 Alguns teóricos sociais mencionam que a contemporaneidade pode ser caracterizada pela experiência de “insegurança ontológica” sobre nossa identidade e sobre a escolha de nossos projetos autobiográficos (GIDDENS, 2002). Tomamos aqui a ideia de insegurança sobre os genitais, fazendo referência a essa experiência que envolve maior ou menor grau de ansiedade na relação que mantemos com o corpo e o sexo.

“conhecimento de uma verdade sobre si mesmo”. Ainda que os discursos que tivemos contato partir de nossa pesquisa tenha pontos em comum com esse conteúdo midiático sobre o qual a autora comenta, percebemos que *projetos* como o LLP propõem alternativas.

O LLP: “um lugar para ser vulnerável, mas não ser julgada”¹¹

O LLP é um blog que se define como um espaço de promoção da noção de *corpo-positivo*, tendo em vista a argumentação de que grandes lábios vaginais são normais e que têm sua beleza, principalmente quando são assimétricos e têm coloração, comprimento e textura diferentes. Emma P., sua idealizadora/autora, na descrição/apresentação do blog, menciona o quanto é importante que ele sirva de “suporte para aquelas pessoas que se sentem inseguras, autoconscientes, vitimadas ou vilipendiadas sobre seus grandes lábios” (LLP, 2015, documento on-line não paginado).

Emma compartilha inúmeros depoimentos de mulheres que sofrem com diversas experiências negativas sobre suas *vaginas*, vida sexual e baixa *autoestima*, muitos depoimentos sendo acompanhados de *vulva selfies*¹². A própria Emma P., ainda na descrição do blog, fala sobre como é a aparência de sua vulva (e também compartilha fotos suas), afirma que ama seus lábios e que compartilhar esse tipo de imagem de si pode ser um desafio e uma forma de empoderamento, com a finalidade de encorajar outras pessoas a mandarem as suas. Em seguida, trazemos um trecho de uma fala dela sobre o assunto:

Eu fui corajosa e decidida a mostrar os meus lábios, então eu sei como esse desafio que é também empoderador, catártico e libertador pode ser. Se você gostaria de enviar as suas fotografias, histórias, experiências e seus sentimentos sobre seus lábios também, então você pode se orgulhar, sabendo que sua contribuição está ajudando outras pessoas com lábios a se sentirem aceitas e normais (LLP, 2015, documento on-line sem paginação, tradução nossa).

11 Trecho de uma postagem publicada no blog LLP no dia 6 de maio de 2015. Tradução nossa.

12 Os teóricos dos novos movimentos sociais já destacaram várias especificidades desses movimentos em rede. Podemos, nesse sentido, entender o LLP como um desses movimentos rizomáticos que inauguram novos sentidos de **política** (por exemplo, ao conceber novos sentidos de espaço e de conteúdo passível de reivindicação política, tais como uma “política-vida”, uma “política do cotidiano”, uma “política do corpo”), novas modalidades de **participação** (por exemplo, ao reconhecer novos modos de “pertença comunitária”), de **programa** (sem dispor de uma “ideologia”, um “discurso” ou uma “voz” oficiais, as experiências e vivências singulares podem e devem ser agregadas na formulação coletiva desse programa) e de **transformação** (mediante a construção de formas de saber compartilhadas e que permitem visualizar um campo de agência que escapa ao dualismo submissão x subversão), tal como indicado por Mahmood (2011).

Nota-se que há uma preocupação de Emma em justificar que a proposta do blog é abordar a nudez genital em contexto não sexual, apesar de o site mostrar fotos e conter conteúdo escrito (histórias, problemas e experiências) com temas adultos. Entendemos que esse *não-sexual* seja uma alternativa que se diferencia da pornografia no sentido de não ser voltada ao “consumo”, apenas uma tentativa de tornar visível essa parte do corpo justamente por ser um *tabu*. Possivelmente em decorrência disso, Emma reforce a importância da interatividade e o compartilhamento das imagens, desde que as pessoas sejam maiores de 18 anos. Propõe-se, portanto, como um projeto “inclusivo e todas as pessoas com lábios são bem-vindas, independentemente de raça, idade, orientação sexual ou de gênero” (LLP, 2015, documento on-line sem paginação, tradução nossa).

A seguir, traremos algumas postagens do mês de maio de 2015 que tratam, em sua maioria, de depoimentos que mencionam principalmente o impacto do blog na vida das mulheres *reais*, as quais mencionam problemas diversos relacionados à aparência de suas vulvas e como o blog aparece como uma importante estratégia na construção de uma *autoconsciência* do corpo e da *vagina*, mas também evidencia uma falta de espaço para discutir com pessoas mais próximas (familiares, amigos/as e companheiros/as) esse tipo de assunto, que, de acordo com a proposta de Emma, representa a carência de referências *reais*.

Tenho 23 anos agora e eu amo meu corpo e tudo sobre mim, mas esta pequena parte de mim sempre me incomodou mais. Alguns dias atrás eu pesquisei “grande lábios” e aqui estou eu. Eu não posso expressar o quanto me senti aliviada quando vi os depoimentos de outras meninas e ouvi o que elas têm a dizer. Senti como se tirasse um grande peso dos meus ombros. Eu não sou estranha. Eu sou como qualquer outra pessoa. Obrigada, Emma. Você tem feito muitas meninas sentirem o mesmo que eu! Eu sinto que eu poderia olhar para os meus lábios por horas agora. Eu os acho bonitos e eles me lembram uma flor que eu nunca tinha visto antes! (LLP, 9 de maio de 2015, documento on-line sem paginação, tradução nossa).

O trecho supracitado contém um teor positivo, mas nem sempre os depoimentos apresentam um conteúdo semelhante, de *aceitação*. A sensação de estranheza diante do próprio corpo é uma constante, assim como ausência *autoconfiança* e *autoestima*, como podemos observar a seguir:

Emma, eu quero a sua confiança. Eu quero ser como você. Você é incrível e este blog tem me ajudado muito. Eu não sei o que teria acontecido, se não tivesse já encontrado este blog. A única coisa que eu lamento é que eu não tenha encontrado anteriormente. Eu não posso amar minha vulva ainda, mas pelo menos eu não estou chorando. Obrigado por sua existência! (LLP, 6 de maio de 2015, documento on-line sem paginação, tradução nossa).

Em algumas postagens, Emma reproduz o depoimento da contribuinte anônima e acrescenta em seguida seu comentário sobre/para o depoimento. Geralmente, como no trecho seguinte, ela faz questão de elogiar sua interlocutora:

Sua vulva parece bonita. Não se preocupe, não há nenhum problema em ter pigmentação mais escura em seus lábios. Cerca de 30% têm pequenos lábios que são ou tons de marrom, roxo, cinza, azul ou preto, ou uma combinação de tudo isso. Rosa no interior e uma cor mais escura do lado de fora é muito comum. E cerca de metade de todos com os lábios são mais escuros. Você não tem nenhuma necessidade de se preocupar. E o que você disse é lindo. É tão bonito que tenha uma sarda lá! Como uma mancha de beleza para a sua já bonita vagina. Repito: é apenas a pigmentação da pele! Não há nada com que se preocupar. Se você estiver com mais de 18, então eu adoraria que você compartilhasse a sua vulva aqui – isso é lindo! (LLP, 11 de maio de 2015, documento on-line sem paginação, tradução nossa).

Na interessante postagem que reproduzimos a seguir, a contribuinte anônima fala sobre a importância do material do blog como forma de *empoderamento* e auxílio na *reconquista* da *autoestima*:

Oi Emma, eu sou tão grata que eu tropecei em seu blog. Eu tenho 17 anos e por muitos anos tenho sido autoconsciente que meus pequenos lábios são maiores do que o “normal”, acho que alguns meses eu posso aceitar como pareço, no entanto, logo que meninos ou meninas ou mesmo sites de mídia social usam a expressão “pedaços de bife” (para se referir a eles) eu acabo me sentindo deprimida e insegura sobre isso. Eles dizem como isso é nojento. Sinceramente isso é muito doloroso, mas o pior é ter de encobrir a dor (LLP, 11 de maio de 2015, documento on-line sem paginação, tradução nossa).

O trecho anterior faz referência à *autoconsciência* da diversidade e do próprio corpo, além de citar o impacto de mídias na construção de uma imagem negativa da diversidade, no caso, o “excesso” de carne nos pequenos lábios. Muitas mulheres procuram intervenções médicas, as cirurgias íntimas, para “consertar” o que para elas parece ser um defeito.

De acordo com a Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica, em 2011, aproximadamente 9.050 brasileiras procuraram “corrigir imperfeições” nos lábios vaginais. Um dos motivos da procura é a correção de supostas “alterações na genitália”, congênicas e/ou adquiridas, que prejudicam a vida sexual das mulheres, gerando ansiedade, depressão e baixa autoestima. Alguns discursos disponíveis na Internet ressaltam a importância desses procedimentos de correção como uma grande conquista para a “mulher moderna”, enquanto outros questionam a *fabricação* de vaginas, comparando-a a práticas de mutilação genital e/ou também objetivam desmistificar padrões estéticos impostos pela “ditadura da beleza”.

As partes externas da genitália mais mencionadas nos sites de blogs pesquisados são os pequenos e grandes lábios e o monte de Vênus chamado vulgarmente de “capô de fusca” (POSKUS VAZ, 2014). As alterações anatômicas relatadas são excesso ou falta de gordura, seja nos lábios vaginais ou no monte de Vênus, excesso ou “rarefação” de pelos, flacidez, assimetria, escurecimento, ressecamento, palidez, cicatrizes, alargamento do canal vaginal (em virtude de

um ou mais partos vaginais), “distopias” (prolapsos de útero, bexiga e reto) e incontinência urinária de esforço. Todos esses “problemas” são responsáveis por incômodos emocionais e/ou físicos, como vergonha em momentos íntimos, seja em relação à estética ou à dor (SILVA, PAIVA, COSTA, 2017, p. 270).

Tentando apropriar-se e compartilhar concepções de corpo e sexualidade como sendo marcados pela heterogeneidade e pela diversidade de formas, percepções e possibilidades com que podem ser vividos, o LLP encoraja a uma *autoaceitação* de suas leitoras. É nesse sentido que Emma procura contornar pensamentos negativos de suas contribuintes:

Não há melhor ou pior, apenas diferente. Há alguma cor do arco-íris mais normal do que as outras? Uma rosa é mais normal do que uma margarida? A ideia do normal simplesmente não se aplica quando há diversidade e beleza em cada variação. Se você pode entender que você está bem do jeito que você é, que você não é nem mais nem menos normal do que qualquer outra pessoa, e você pode apreciar que há tanta variação na aparência genital, talvez você possa começar a sentir que, no fundo, você está ok... Olhe ao redor, veja os arquivos deste blog e aprecie a maravilhosa diversidade, e todas as vulvas normais com lábios normais. Essa é a realidade... (LLP, 11 de maio de 2015, documento on-line sem paginação, tradução nossa).

Com o LLP, Emma propõe uma *conscientização* que objetiva a promoção da ideia de que o tamanho da vagina e conseqüentemente sua aparência não deve ser motivo para interferir na vida sexual, que não é preciso mudar seu corpo, cirurgicamente, em decorrência de uma ideia negativa sobre o que seu parceiro sexual pode pensar. Vejamos o depoimento a seguir:

Querida Emma, muito obrigada pela existência de seu blog! Isso me fez sentir tão bem por me certificar de que minha buceta não é a única que é grande. Tenho 26 anos. Eu costumava ir regularmente para a piscina e eu sempre senti que eu tinha que esconder a minha buceta por ser maior do que as outras. Eu me masturbo muito regularmente e eu gostaria de poder fazê-lo mais. Eu também tive um monte de parceiros sexuais. Algumas das histórias eu me arrependo, mas agora sinto-me feliz por ter um grande amor por sexo. A masturbação também me acalma, ajuda a adormecer. É um medicamento. Então, basicamente eu estou feliz com esta parte da vida, mas eu sempre tive uma pequena sensação de que meus lábios são muito grandes. Mas agora eu acho que eles são apenas talvez um símbolo de meu apetite sexual vibrante... Obrigado pela possibilidade de compartilhar (LLP, 10 de maio de 2015, documento on-line sem paginação, tradução nossa).

O blog e o material compartilhado nos lançam pistas sobre como esferas digitais figuram cenários de sociabilidades nos quais há criação de espaços íntimos para elaboração conjunta e afetiva de narrativas e imagens sobre a *vagina*, onde as pessoas podem “revelar a própria intimidade sem perder a proteção do anonimato”,

pois confessar segredos anonimamente parece se revestir de propriedades terapêuticas. Consideramos possível dizer que “pela internet, essas pessoas estão mais independentes em relação aos profissionais da saúde” (SPYER, 2011, p. 126 - 144).

Resistência, autoconsciência e cultura afetiva

Parece-nos compatível com a análise que estamos a desenvolver sobre o compartilhamento de experiências proposto pelo LLP lançar mão da expressão, utilizada por Raymond Williams (1969, p. 325), de uma “comunidade de experiência”, da configuração de uma “cultura em comum” (p. 323) que se faz importante por remeter ao aprendizado a partir da experiência. Essas experiências partilhadas no espaço criado por Emma P. podem também significar a criação de uma “cultura afetiva”, aqui no sentido abordado por Le Breton (2009), que afirma que, para que “um sentimento (ou emoção) seja experimentado ou exprimido pelo indivíduo ele deve pertencer, de uma forma ou de outra, ao repertório cultural do seu grupo” (LE BRETON, 2009, p. 126).

Para Le Breton (2009, p. 113), a afetividade “simboliza o clima moral que envolve em permanência a relação do indivíduo com o mundo e a ressonância íntima das coisas e dos acontecimentos que a vida quotidiana oferece”. Nesse sentido, “as emoções são, portanto, emanações sociais ligadas a circunstâncias morais e à sensibilidade particular do indivíduo”, mobilizando “um vocabulário e discursos: elas provêm da comunicação social” (LE BRETON, 2009, p. 120); são “modos de afiliação a uma comunidade social, uma maneira de se reconhecer e de poder se comunicar em conjunto sobre a base da proximidade sentimental” (LE BRETON, 2009, p. 126-127). Continuamos com o antropólogo:

Uma cultura afetiva está socialmente em construção. Cada um impõe sua colocação pessoal ao papel que representa, com sinceridade ou distância, embora sempre reste uma tela de fundo que torna as atitudes reconhecíveis... compreender uma atitude afetiva implica desenrolar inteiramente o fio da ordem moral do coletivo, identificando a maneira como o sujeito que vive a situação define essa última (LE BRETON, 2009, p. 127).

A construção de uma cultura afetiva é, assim, uma estratégia de resistência e referência. Le Breton lembra que, de acordo com o senso comum, emoção é geralmente associada à irracionalidade, falta de autocontrole e vulnerabilidade, “uma imperfeição que se deve emendar, corrigindo-se seu rumo na direção de uma existência razoável” (LE BRETON, 2009, p. 114). Essa afirmação confirma o receio expresso na noção de que o LLP seria “um lugar para ser vulnerável, mas não ser julgada”. Contra o senso comum de que as emoções não têm o potencial de induzir a novas cognições sobre a existência social, entendemos que a análise da (s) cultura(s) afetiva(s) de uma sociedade, permite-nos, nas palavras de Le Breton, “desenrolar os fios da ordem moral do coletivo”.

No caso específico aqui tratado, a análise da cultura afetiva mobilizada mediante o compartilhamento de significações e experiências relacionadas ao corpo das *mulheres reais*, rizomatizadas em torno do LLP, permite-nos vislumbrar

as palavras de ordem à *autoaceitação* e à *autoconsciência* como intervenientes nos modos de relação das mulheres com seus corpos: essa *autoconsciência* e *aceitação* se transformariam, nesse contexto, em *amor ao próprio corpo*, por meio da expressão das emoções de suas interlocutoras anônimas sobre suas *vaginas*. Assim é que, por intermédio dessa rede de “identificações horizontais”, vão se constituindo novas referências sobre mulheres, corpos e *vaginas*, assim como vão se forjando resistências coletivas que articulam como fio condutor o corpo, como nos alerta Bourcier (2014, p. 13), lugar de opressão, mas também um “espaço de construção biopolítica”, um centro de resistência.

O LLP atende a demandas de leitoras de lugares diferentes do mundo, que possivelmente nunca se encontrarão fora daquele espaço, no qual encontram acolhimento, mesmo que momentâneo. Os textos e fotografias que ali aparecem tomam corpo nessa ambiência da Internet, questionando, a partir de um espaço técnico, a organicidade do corpo físico, que incorpora as mesmas tecnologias, seja tomando-as como inseparáveis de seus momentos de trabalho e lazer, seja incorporando-as por sobre a pele.

Considerações finais

Ensaíamos aqui a proposta analítica de abordar o *projeto* LLP como um dentre tantos espaços possíveis indutores de uma nova inteligibilidade na relação das mulheres com seus corpos e suas vaginas, como parte de uma rede que estimula a formação de um campo de ativismo a favor da *autonomia* feminina na rede, como espaço de compartilhamento de uma cultura afetiva que possibilite a ressignificação de experiências de subalternização das *mulheres reais* à regulação de seus corpos por uma norma médico-midiática. Dentro de um contexto amplo de mobilizações e repertórios de práticas de resistência, o espaço que Emma P. cria se encaixa no que podemos chamar de novos movimentos, não por trazer novas reivindicações, mas pela entrada das tecnologias de informação/comunicação como um dos instrumentos de ação/divulgação.

Acreditamos que se forma, assim, uma rede de cooperação e recriação coletivas configuradas por meio da Internet, a qual funciona, nesse sentido, como meio de disseminar o alcance do feminismo, ou algumas questões importantes de lutas femininas¹³ de uma forma mais visual¹⁴, viabilizando, assim, ambiente de troca e de produção de conhecimentos entre essas *mulheres reais*. Dessa forma,

13 Entre outras, a questão da legalização do aborto e o alto índice de estupro são algumas das problemáticas que envolvem a vivência e autonomia do corpo feminino, das opressões e violências de gênero.

14 Destacamos os trabalhos de Ribeiro, Costa e Santiago (2012) sobre o *movimento Riot Grrrl*, movimento de cultura juvenil que abrange música, feminismo, arte, literatura, cinema e política, e a dissertação de Wroblewski (2013) sobre o *coletivo Fierce Pussy*, que aborda a relação entre palavra e imagem no trabalho do referido coletivo. Outras autoras que trabalham a interface entre feminismo e arte: Trizoli (2008), Castanheira, Faria e Alvarenga (2013), Scandolaro (2013) e Tvardovskas (2011).

essas mulheres poderiam alargar o campo de identificações para produzirem suas identidades femininas, suas subjetividades e uma “cultura comum”, formando um aprendizado em rede, uma

[...] troca contínua de ideias e de sentimentos e como que uma assistência moral mútua, que faz com que o indivíduo, em vez de ficar reduzido a suas próprias forças, participe da energia coletiva e nela venha recompor a sua quando esta chegar ao fim [ou esteja abalada] (DURKHEIM, 2000, p. 259).

Apostamos na fecundidade de trabalhar essa rede pensando na importância do estudo de como “quaisquer tecnologias podem ter efeitos na produção de gênero”, e como o gênero “pode (e deve) ser pensado por meio de tecnologias que não apenas materializam instâncias normativas, mas são elas mesmas, parte de sua constituição” (GALINDO; SOUZA, 2012, p. 07), tendo em vista a análise da tentativa de criação de convenções não hegemônicas de “beleza”, por exemplo. Essa questão pode parecer menor, mas se revela como importante via de acesso à compreensão dos modos de controle do corpo feminino, considerando que a aceitação do próprio corpo representa problema central na vida de muitas mulheres, independentemente da idade, etnia, nacionalidade, classe social e posicionamento político.

Referências

- BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BOURCIER, Marie-Hélène. Prefácio. In: PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: n – 1 Edições, 2014, p. 09-15.
- BOUTINET, J. P. **Antropologia do projeto**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- CASTANHEIRA, M. A. M.; FARIA, L. M. C.; ALVARENGA, C. F. Mulheres: artes que contam, artes que desestabilizam. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10., 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos**. Florianópolis: UFSC, 2013.
- CASTRO, Ana Lúcia. Saúde e estética: a medicalização da beleza. **RECIIS**. Revista eletrônica de comunicação, informação & inovação em saúde (Edição em português. Online), v. 5, p. 11-20, 2011. Disponível em: <http://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/765>. Acesso em: 23 jun. 2015.
- CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: Versos, 2015.
- DURKHEIM, Émile. **O suicídio: estudo de sociologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- GALINDO, Dolores; SOUZA, L. L. (Orgs). **Gênero e tecnologias, tecnologias do gênero: estudos, pesquisas e poéticas interdisciplinares**. Cuiabá, MT: EdUFMT, 2012.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002.
- LAQUEUR, Thomas W. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-241. Disponível em: <http://marcoareliosc.com.br/cineantropo/lauretis.pdf>.

- LARANJEIRA, Livia; STOPA, Beatrice. Autoestima vaginal: como anda a sua? **Revista Glamour**, 2013. Disponível em: <<http://revistaglamour.globo.com/Amor-Sexo/noticia/2013/07/autoestima-vaginal-como-anda-sua.html>>. Acesso em: 9 dez. 2013.
- LLP - LARGE LABIA PROJECT. Disponível em: <<http://largelabiaproject.org/>>. Acesso em: 22 maio 2015.
- LE BRETON, David. **As paixões ordinárias**: antropologia das emoções. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- LIOTARD-SCHNEIDER, Frédérique. **Les experts de l'intime et les femmes, médecins et démographes en France de 1945 à 1975**. 2010. Tese (École Doctorale Milieux, cultures et sociétés du passé, Histoire du monde contemporain) - Université Paris Ouest-Nanterre La Défense, Paris, 2010.
- LIVOTI, Carol; TOPP, Elizabeth. **Vaginas**: manual da proprietária. Rio de Janeiro: Best Seller, 2006.
- LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p.07-34.
- MAHMOOD, Saba. Capacité d'agir, performativité et sujet féministe. **Penser à gauche**: figures de la pensée critique aujourd'hui. Paris: Éd. Amsterdam, 2011. Collectif (avec la **Revue internationale des livres et des idées**), p. 390-403.
- MARTIN, Emily. **A mulher no corpo**: uma análise cultural da reprodução. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- MARTINS, Ana Paula Vosne. A ciência dos partos: visões do corpo feminino na constituição da obstetrícia científica no século XIX. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 645-665, 2005.
- MÁXIMO, M. Elisa. O eu encena, o eu em rede: um estudo etnográfico nos blogs. **Civitas – Revista de Ciências Sociais**, v. 7, n. 2, jul.-dez., p. 25-47, 2007.
- MORAN, Caitlin. **Como ser mulher**: um divertido manifesto feminino. São Paulo: Paralela, 2012.
- NUNES, Silvia Alexim. **O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha**: um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- PETER, Jean-Pierre. Les médecins et les femmes. In: ARON, Jean-Paul (Org.). **Misérable et glorieuse**: la femme du XIXe siècle. Paris: Fayard, 1981, p. 79-96.
- PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 Edições, 2014.
- PUSSY PRIDE PROJECT. Disponível em: < <https://mollysdailykiss.com/pussy-pride-project/>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2018.
- RIBEIRO, Jéssyka K. A.; COSTA, Jussara C.; SANTIAGO, Idalina M. F. L. Um jeito diferente e “novo” de ser feminista: em cena, o Riot Grrrl. **Revista Ártemis**, v. 13, jan./jul., p. 222-240, 2012.
- ROHDEN, F. Ginecologia, gênero e sexualidade na ciência do século XIX. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 8, n.17, p. 101-125, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832002000100006>. Acesso em: 24 dez. 2015.
- SCANDOLARA, Patricia Fabiola. Arte feminista: diálogos entre o mito da beleza e as obras de Jenny Saville. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10., 2013, Florianópolis. **Anais Eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, p. 1-10, 2013.
- SCHIMITT, Marcelle. **Sinus pudoris**: conformação de um padrão estético de genitália feminina através de cirurgias plásticas. Monografia. Curso de Ciências Sociais. UFRGS, Porto Alegre, 2014.
- SHORTER, Edward. **A history of women's bodies**. London: Pelican Books, 1984.
- SILVA, Marcelle Jacinto da; PAIVA, Antonio Cristian Saraiva; COSTA, Irlena Maria Malheiros da. A vagina pós-orgânica: intervenções e saberes sobre o corpo feminino acerca do “embelezamento íntimo”. **Horizonte Antropológico**, Porto Alegre, v. 23, n. 47, p. 259-281, 2017.

- SPYER, Juliano. **Conectado**: o que a internet faz com você e o que você pode fazer com ela. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- TRIZOLI, Talita. O feminismo e a arte contemporânea: considerações. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas: panorama da pesquisa em artes visuais, 17., Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, p. 1495-1505, 2008.
- TVARDOVSKAS, Luana Saturnino. Teoria e crítica feminista nas artes visuais. In: Simpósio Nacional de História – ANPUH, 26., 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo, p. 1-16, 2011.
- VIEIRA, Elisabeth Meloni. **A medicalização do corpo feminino**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002.
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade**: 1780-1950. São Paulo: Editora Nacional, 1969.
- WOLF, Naomi. **Vagina**: uma biografia. São Paulo: Geração Editorial, 2013.
- WROBLESKI, Renata Biagioni. **A relação entre palavra e imagem nos trabalhos do coletivo Fierce Pussy**. 2013. 217p. Dissertação (Mestrado em Artes Virtuais) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- ZORDAN, Paola. Genitais femininos e os lugares da diferença. In: FONSECA, Tânia Mara Galli e KIRST, Patrícia Gomes. (Orgs.). **Cartografias e devires**: a construção do presente. Porto Alegre (RS), v. 1, p. 273-297, 2003.
- ZWANG, Gérard. **O sexo da mulher**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

Recebido em 12/10/2017

Aceito em 22/01/2018